

BARROS, José D'Assunção. *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes, 2007. 128 páginas.

Leticia Dias Schirm*

No livro *Cidade e história*, José D'Assunção Barros, historiador e professor da Universidade Severino Sombra, de Vassouras, mapeia algumas questões fundamentais que norteiam as análises do fenômeno urbano nos últimos tempos. O autor esclarece que seu objetivo não é levantar novas questões, mas demonstrar diversos conceitos e formulações sobre as cidades para aqueles que estão iniciando os estudos no campo do urbano. O livro pretende ser útil tanto a estudantes de graduação e pós-graduação em História, Urbanismo e Ciências Sociais, quanto a professores, trazendo abordagens didáticas e concisas.

Os três capítulos que compõem o livro podem ser lidos separadamente. Eles traçam um panorama do surgimento das reflexões modernas sobre as cidades e das imagens formadas desde o início dos estudos urbanos.

“A emergência da reflexão sobre a cidade” apresenta as primeiras reflexões sobre a urbe. Apesar de o tema ter sido alvo de expectativas e anseios desde a Antigüidade clássica, apenas no século XIX as análises passaram a ser sistemáticas, fundadas em métodos e teorias apropriados, surgindo então a idéia de transformar o estudo da cidade em um campo específico do saber.

Segundo o autor, é por volta de 1860 que o conceito de urbanização aparece pela primeira vez, formulado pelo arquiteto espanhol Ildelfonso Cerda, que inaugura um campo que pensa a cidade simultaneamente pela forma, funcionalidade e desdobramentos sociais, buscando então compreender os problemas específicos desse *habitat*, a organização da vida cidadina e as formas históricas de urbanização.

A partir de Cerda, a temática se desenvolve e surgem diversos teóricos, muitos dos quais pensam a cidade do ponto de vista político-institucional. Karl Marx procura analisar a urbe pelos aspectos sociais e históricos concomitantemente; Frederic Engels envereda pelos caminhos da psicologia e do cotidiano citadinos; Fustel de Coulanges vê na cidade a associação de agregados e células sociais como a família, no que é bastante criticado por Gustave

* Analista de Gestão, Proteção e Restauro do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais.

Glutz, que introduz um elemento de conflito na construção de Coulanges: o indivíduo. O autor segue apontando a teoria de outros estudiosos ainda do século XIX, a saber: Labande, Reinecke, Gregorovius, G. de Marez, Petit-Du-taillis, entre outros.

No século XX, as formas de se perceber a cidade mudam. Os estudos se preocupam com a função econômica, a vida do cidadão, a forma urbana, a organização social, o imaginário e a relação entre o público e o privado. Novos sentidos associam-se às cidades: artefatos, produtos da terra, ambiente, sistema, ecossistema, máquina, empresa, obra de arte, texto. Também surgem novos conceitos: armaduras ou redes urbanas, sistemas urbanos e interação com outras cidades.

Esses novos sentidos e conceitos são tratados no capítulo “As imagens da cidade na reflexão urbana”. A partir das diversas metáforas produzidas pelos estudiosos, o autor pretende que se apreenda uma definição da cidade. Inicia com a imagem do ímã, com pólos de atração, remetendo à idéia de centro e periferia apresentada por R. E. Dickinson. Ainda sobre essa dicotomia, apresenta as teorias de “retículo urbano” e “armadura urbana” propostas por Mercadal, além da “dominância metropolitana”, utilizada por Bogue. Já as teorias de Sorokin e Zimmerman enfatizam a dinamicidade da cidade compreendida a partir de um *continuum* urbano-rural.

O livro segue demonstrando outras metáforas e seus defensores. A cidade é pensada como “artefato” capaz de ser contemplado em sua totalidade pelo olho humano, de acordo com Witold Rykczynski. Kelvin Lynch cria três categorias para explicar o padrão formal, o funcionamento e a transformação da urbe: cidades cósmicas, traçadas com função de representação específica; cidades práticas, que crescem conforme suas necessidades materiais; e cidades orgânicas, que se adaptam ao terreno no qual estão inseridas. A teoria de Braudel considera a relação da cidade com o mundo exterior: ela pode ser aberta, fechada e estar sob tutela ou dominada, remetendo à sua ligação com um Estado. Roncayolo aponta os limites das formas anteriores: é necessário ater-se não apenas à forma, mas também ao conteúdo. Mas é Gordon Childe quem primeiro se liberta do artefato e busca uma visão global da cidade.

Outras imagens vão surgindo ao longo do livro. Mumford considera a cidade como produto da terra. Pirenne como originada exclusivamente do comércio. Argan, Sitte e Howard analisam a urbe de um ponto de vista mais

cultural, como uma obra de arte. Há os que recorrem a modelos biológicos¹ e ecológicos: organismo vivo para uns, ambiente ecológico para outros.

O autor apresenta ainda a possibilidade de se meditar sobre a cidade a partir de um ponto de vista sistêmico. Isard utiliza esse modelo ao associar a urbe ao “sistema circulatório”; alguns membros da Escola de Chicago preferiram o sistema ecológico, enquanto o matemático Christopher Alexander utilizou o sistema num sentido informático, com a superposição de subsistemas. Há ainda a possibilidade de se comparar a cidade com um texto que pode ser lido por aqueles que a visitam ou pelos próprios habitantes, que também podem reescrevê-lo ou modificá-lo. Barther e Michel de Certeau são os primeiros teóricos a compararem cidade e língua.

Nesse momento, surge a necessidade de se demonstrar que o fenômeno urbano possui uma multiplicidade de fatores que devem ser considerados. Em “A perspectiva multifatorial da cidade”, são apresentadas, para além da dimensão organizativa ou institucional, outras dimensões fundamentais para a compreensão da urbe. São elas: população, economia, morfologia, política, cultura, imaginária. O livro aborda, então, cada uma dessas dimensões ou fatores separadamente.

A população, sempre ressaltada nos estudos das cidades, foi escolhida como primeira a ser tratada. São apresentadas as teorias de Louis Wirth e Peter Mann, entre outros que definem a cidade a partir de sua população, nos aspectos da densidade, heterogeneidade, número e localização permanente. Sobre a dimensão econômica como fator impulsionador da criação das cidades, o autor apresenta as teorias de Max Weber, Henry Pirenne, Henri Lefebvre, Werner Sombart, Karl Marx, Frederick Engels, além de alguns materialistas históricos.²

O livro traz ainda uma análise dos fatores políticos, caracterizando a cidade como sede dos poderes políticos e das lutas de classe, a cidadania como instrumento privilegiado, o pacto social como organizador da sociedade urbana, os micropoderes, a estratificação social e múltiplas influências. Rousseau, Hegel, Marx, Foucault, Floyd Hunter, Robert Dahal, Franco Ferrarotti, entre outros, possuem esse objeto de investigação.

¹ Park, Burgess, McKenzie e Wirth são citados como elaboradores de modelos a partir da ecologia humana e Mumford a partir da comparação com o corpo humano.

² Castells, Topalov, Lipietz, José Luiz Romero, Ludolf Kuchenbuch, Peref Anderson, Yves Barel.

O autor examina então os estudiosos que se dedicaram à dimensão organizacional da cidade, isto é, a entender as instituições e o funcionamento da sociedade. A dicotomia público *versus* privado e sua historicidade são estudadas por H. P. Bahrdt. Levedan, Hiorns e Benévolo são vistos como responsáveis pela preocupação com os aspectos formais urbanísticos, sem descuidar das motivações presentes em cada período histórico. Os teóricos passam a procurar compreender tanto o desenho externo das cidades,³ quanto interno, isto é, sua compartimentalização e segregação espacial, pesquisada por Ferrarotti e Ronayolo. O livro destaca que as cidades estão sempre em crescimento, em processo de remodelação, o que pode ocorrer a partir de pontos focais, como afirma Burgess, ou de setores, acompanhando características locais, segundo Hoyt, ou ainda crescendo a partir de núcleos diferenciados, de acordo com Harris e Ulmann.

A cidade é também considerada como lugar da cultura ou da produção cultural. Simmel foi o primeiro a teorizar sobre a cultura urbana, apontando como traço fundamental do homem citadino contemporâneo a indiferença para com o outro. A partir dele, surgiram várias proposições acerca do psiquismo da cidade, tais como as de P. Sorokin, C. Zimmerman, Helpach, Jacques Rossiard e Wirth. Alude-se ainda ao desenvolvimento da semiótica e à necessidade de se abordar os comportamentos culturais nas cidades como sistemas de comunicação, assim como fizeram Umberto Eco, Le Goff, Bakhtin e Meier.

Duas outras dimensões são abordadas no livro: a imaginária e a funcional. O imaginário da cidade pode ser compreendido como uma representação ou como gerador de sua própria representação. Para melhor explicar a urbe como representação, citam-se as pesquisas de Thomas Morus e Campanella. Já no que diz respeito à produção de representação, aparecem Kevin Lynch, com as noções de imaginabilidade e legibilidade, Paolo Sica, que observa as imagens através dos exemplos históricos, e Erwin Panofsky, com seu método iconológico.

Por fim, a funcionalidade. Ao se considerar a cidade dentro de um sistema mais amplo (contexto regional), observa-se que cada uma desempenha aí uma função. Pode-se perceber a existência de multifuncionalidade ou funções elementares (cultural, religiosa, ambiental, política e econômica) predominantes. Os estudiosos⁴ privilegiam ora uma, ora outra, sem

³ São dessa corrente: Dickinson, Pierotti e Planhol.

⁴ Sjoberg, Thomas Frederic Tout, Garnier e Chabot, Alexanderson, G. Harris, entre outros.

desconsiderarem que, como parte de um todo, as cidades repartem diversas funções em seu meio.

O livro conclui com um panorama geral dos temas abordados e a caracterização da cidade como forma social específica. Para facilitar a compreensão do leitor, três quadros sistematizam as informações contidas nos capítulos.

Com efeito, *Cidade e história* oferece instrumental teórico para aqueles que iniciam seus estudos sobre as cidades e possibilita o aprofundamento dos temas tratados, pois suas referências bibliográficas são subdivididas em: obras gerais e teóricas, obras voltadas para a perspectiva dos desenvolvimentos morfológicos e urbanísticos, obras que abordam eixos temáticos específicos, além das obras citadas no texto.